

A ESCOLA DO MEDO

vigilância, repressão e
humilhação nas escolas
militarizadas

DIOCLÉCIO LUZ



Tanto Mar Editores

material
de divulgação
livro impresso
e em Kindle

Copyright © 2022 by Dioclécio Luz

DIREÇÃO EDITORIAL:

Tiago De Carvalho e Luciano Coutinho

PROJETO GRÁFICO

Dioclécio Luz

CONCEPÇÃO DA CAPA:

Dioclécio Luz

DIAGRAMAÇÃO E ARTE DA CAPA:

Alessandro Eloy Braga

ILUSTRAÇÕES DE CAPA, CONTRACAPA E MIOLO:

Alessandro Eloy Braga

REVISÃO TEXTUAL:

Cristiana Teixeira Lima

Ana Beatriz Martins de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Ficha catalográfica feita pelo editor)

Luz, Dioclécio.

A escola do medo: vigilância, repressão e humilhação nas
escolas militarizadas / Dioclécio Luz –

Brasília: Tanto Mar Editores, 2022.

412 p. ; 23cm

Livro digital

Formato: PDF

Requisitos do sistema: adobe digital Editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-992181-9-4

1. Educação brasileira 2. Escola pública 3. Luz, Dioclécio
I. Título

CDD 379

CDU 37.01

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação Brasileira : Escolas Militarizadas : Educação pública 379

TANTO MAR EDITORES

www.tantomareditores.com

2022

Todos os direitos desta edição reservados ao autor.

SUMÁRIO

Prefácio – O curral bovino da subserviência 15

A vergonha 21

A ESCOLA E O TEMPO 25

A educação nunca foi única 26

Paulo Freire 33

A antiescola 36

Notas 45

RACISMO ESTRUTURAL 47

Cada qual no seu lugar 48

O que é racismo? 50

Racismo: um projeto 52

Racismo cotidiano: é proibido sonhar 54

Civilização e colonização 57

A liberdade é um luxo 61

Partilha da África 62

Do Arraial de Canudos às favelas do Rio 64

Polícia: “de olho no negro!” 67

O racismo em números 78

Meritocracia: expressão do racismo 80

Educação: instrumento de controle 84

Notas 87

O SISTEMA FEDERAL DE ENSINO 91

A escola dos militares 92

O Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) 93

Eu, Jonathan, ex-aluno do Colégio Militar de Brasília 96

Para curar o mundo 105

Notas 107

O CONCEITO DE ESCOLAS MILITARIZADAS 109

Para entender a escola do medo 110

O exterminador do presente 115

O diferencial 120

Escolas Militarizadas no Brasil 125

Notas 129

AUTORITARISMO 131
O brinquedinho dos militares 134
Falta de respeito 137
Notas 142

A HUMILHAÇÃO COTIDIANA 143
A polícia, o exército e as crianças 144
O regime disciplinar 147
Aluno bonzinho 159
Polícia na escola 162
Direita, volver 165
Seu corpo não é mais seu 168
Adolescentes em perigo 170
Assédios e abusos dos policiais 176
O brinquedo predileto do sádico 181
Notas 186

SEGURANÇA E INSEGURANÇA 189
O policial em perigo 190
A violência na sala de aula 194
Notas 196

VIGIAR E PUNIR 197
O discurso da dominação 200
Violência como disciplina 201
Qualidade pedagógica 203
Linguagem de cadeia 204
Notas 208

A MORAL DOS CORONÉIS 209
Censura 214
Lições de moral? 218
Notas 222

ASSEMBLEIAS: LIÇÕES DE IMORALIDADE 223
Promessas 226
Era uma armação? 229
Parece que não foi bem assim... 232
Notas 236

O CASO DE GOIÁS	237
Chacina	238
Um caso de polícia	238
Marconi Perillo: o homem das escolas militarizadas	245
Os estudantes de Goiânia resistiram	246
O gueto da periferia	254
Dinheiro e farda selecionam	264
Notas	266

O CASO DE BRASÍLIA	269
Racismo na capital da República	273
Ilegalidades	277
Conversas reservadas	285
Ex-secretário de educação conta o que viu	287
Um quartel camuflado de escola	293
Visitando as “escolas” de Brasília	295
O caso CEd 07 da Ceilândia	315
Eu, Amanda, ex-aluna de Escola Militarizada	317
Ordem unida	322
O mural da vergonha	324
Alunas silenciadas	327
A morte anunciada de uma escola	336
Notas	346

O CASO DO PARANÁ	347
Ratinhos	348
Como turbinar o Ideb	349
Notas	351

QUEM TEM MEDO DO GRÊMIO ESTUDANTIL?	353
“Não pode”	354
Sob controle	356

COMO A EMIL FERRE A LEGISLAÇÃO	361
Leis ilegais	362
Leis atacadas	366
Notas	381

A BOA E A MÁ ESCOLA	383
Indicadores de qualidade na educação	384
Escola de qualidade	389

Intervenção civil nos territórios militares 393
O fim ou o começo? 397
Notas 402

Referências bibliográficas 403

Entrevistados e entrevistadas 407

Sites pesquisados 408

Manuais e Regimentos das EMILs do DF – Links 409

Siglas 409

DIVULGAÇÃO

O CURRAL BOVINO DA SUBSERVIÊNCIA

Militarizar escolas, sobretudo no âmbito de um Estado Democrático de Direito, é algo que deve indignar a todas as pessoas que lutam por uma sociedade justa, livre e democrática. O jornalista Dioclécio Luz, diante de tal fato, não só ficou indignado como se debruçou sobre ele e traz no livro *A escola do medo: vigilância, repressão e humilhação nas escolas militarizadas*, as muitas facetas e consequências do processo de militarização das escolas, as quais ele classifica como vergonhosas e se diz constrangido em ter que escrever sobre um tema que faria sentido existir na Idade Média. O autor não tem dúvidas em afirmar que a militarização das escolas corrompe a ideia de escola e representa um atraso na história humanidade e dos processos civilizatórios.

Ao falar da escola e o tempo ou do processo histórico de construção e constituição da instituição escolar, o livro traz as concepções em disputa e as perspectivas de educação, de escola e de estudantes, sujeitos fundamentais do ato de educar e educar-se, ou do processo de ensino-aprendizagem, que muda com o tempo. Mas retrata também as lutas históricas de educadores, educandos e sociedade, a partir de diferentes teóricos que demarcam essas lutas, como Paulo Freire, Anísio Teixeira, Antônio Gramsci, Vygotsky, Maria Montessori dentre tantos outros.

Falar das mudanças e dos avanços na perspectiva de educação e de escola é fundamental para debater e refutar a ideia de militarização dessas instituições, pois esse processo vai no sentido da imposição de uma antiescola voltada não para o desenvolvimento de uma educação para emancipação, para democratização da sociedade, mas de uma antieducação ou educação para a barbárie.

A partir de análise de autores que debatem a questão do racismo, de juristas, documentos, fatos e entrevistas, Dioclécio vai demonstrando como a militarização das escolas é parte do racismo estrutural brasileiro, do qual o braço armado do Estado sempre serviu a sua manutenção e perpetuação. A polícia mata e encarcera o povo preto e periférico, sobretudo a juventude, estudantes majoritários das escolas militarizadas. Mas a militarização, além de atuar impossibilitando a existência, dando cabo à vida do povo negro, ela padroniza corpos e comportamentos, aprisiona a alegria e a criatividade da

juventude periférica, ela mata a cultura, sobretudo do povo negro, que não poderá SER no interior das escolas militarizadas, que não poderá manter seus traços identitários, manifestar sua cultura e terá seu cabelo raspado ou cortado a máquina zero. Como definido no Regulamento Básico de Uniformes das escolas militarizadas do Distrito Federal, que decreta que os cabelos só poderão ser usados em meia cabeleira curta, que proíbe cortes raspados estilo “moicano”, pinturas coloridas no cabelo ou topetes, corte com desenhos ou marcações à máquina. Dread, tranças ou Black nem pensar. O lema “prenda seu preconceito que eu vou soltar o meu cabelo”, que se contrapõe às críticas à altura ou volume dos cabelos afros, jamais poderá ser usado e exercitado nas escolas militarizadas, pois lá é proibido usar cabelo volumoso e solto, já que o mais importante é manter o padrão usar as boinas, vestimenta típica dos soldados nos quartéis.

16

A escola que deve desenvolver uma educação para emancipação e formar contra a barbárie, tem seu papel impossibilitado, pois não poderá debater e problematizar as múltiplas formas de manifestação da barbárie presentes na nossa sociedade, ao contrário, se tornará espaço de naturalização e produção da barbárie, pois nela impera as práticas de racismo, machismo, discriminação de gênero e orientação sexual, imposição de regras, disciplina rígida e negação do sujeito e suas subjetividades.

Ao fazer a distinção entre escolas militares e militarizadas, o livro demonstra como as instituições pertencentes às corporações, que fazem parte do sistema de privilégios dos militares, que conta com condições diferenciadas, embora financiada com a verba pública, também são racistas, homofóbicas/transfóbicas e impeditivas da formação de sujeitos. O conteúdo da fala de um ex-aluno de Colégio Militar de Brasília, que faz parte do sistema de ensino do Exército Brasileira, é elucidativo para se compreender como pode ser a escolarização nesse espaço, de um estudante que não se enquadra no padrão estabelecido.

O leitor encontrará, aqui, um importante debate sobre as escolas militarizadas, seu conceito e formas de organização e implementação pelo Brasil, seja nas redes municipais, estaduais ou Distrital de ensino, além do projeto do Governo Federal, que Dioclécio chama de *escola do medo*. Ele mostra o contexto, as motivações políticas e o projeto por trás da militarização das escolas e fala sobre as consequências para a educação, para a vida cotidiana de estudantes e familiares e para o futuro do país e da própria democracia.

Com base em estudos acadêmicos, dissertações e teses de mestrado e doutorado, artigos científicos, livros, matérias da imprensa, documentos oficiais e oficiosos, posicionamentos de instituições da sociedade civil, entrevistas com especialistas, juristas, estudantes, sindicalistas, militares, professores e tantas outras fontes, Dioclécio vai tecendo as facetas e implicações da militarização, as consequências da escola ser organizada a partir da lógica da caserna ou das dinâmicas do quartel. Vai mostrando no miudinho e a partir dos estudos, fatos e conversas com interlocutores, todo o autoritarismo que sustenta o projeto, que serve em última instância, a conservação da estrutura patriarcal, machista, racista, transfóbica, autoritária que sustenta o Capitalismo.

A ilegalidade do ato de militarizar escola é demonstrada por seus diferentes aspectos, com base no arcabouço legal que determina a educação como um direito de todas as pessoas, seus princípios, finalidades, forma de organização de organização e quem tem competência e permissão legal para fazer seu desenvolvimento, inclusive sua gestão.

O autor encara as falácias da militarização e se debruça sobre dados para demonstrar que militares e suas forças não são insumo de qualidade para a educação, que os supostos bons resultados medidos pelos testes padronizados e obtidos por essas escolas, quando não inverídicos, resultam de processos que excluem das instituições educativas as e os estudantes que eles entendem como problemáticos. As escolas militarizadas impõem regras, expulsam estudantes, educadoras e educadores, imprimem a regra do “pede para sair”, “muda de escola” e justificam essas ações como sendo a democracia. Quem não quiser se submeter, procure outra escola.

O debruçar sobre a leitura deste livro é o desvelar da perversidade de um sistema que, em nome da segurança, impõe à comunidade escolar as mais diversas formas de violência, como a física, a psíquica e a simbólica, ao desprezar valores humanos fundamentais, impor o silêncio e o medo, impedir a construção da democracia que deve ser parte constitutiva e constituinte do ato de educar-se. Como nos ensinou Anísio Teixeira, escola é uma comunidade que, se o seu governo não for baseado em um modelo democrático, ela não formará para a democracia. Nos diz ele que diretores, professores e alunos devem organizar-se de forma a que todos sejam agentes da gestão da construção e da gestão da instituição, de modo que todos

participem e construam o sentimento de interesse comum, pois esse é essencial ao feliz desempenho da missão educativa da escola.

Militarizar a escola, sob a justificativa de garantir organização e segurança, é colocar para mandar na escola os profissionais que deveriam garantir segurança na sociedade, para que a escola e sua comunidade pudessem se organizar com tranquilidade. Como esses profissionais não têm conseguido cumprir a função para a qual existe, a escola também não está segura, embora tenha menos problemas que fora dela. É preciso afirmar que se para garantir segurança, a polícia precisa atuar na escola é porque ela falhou fora dela. Se ela não consegue desenvolver seu papel, a função para qual deve estar preparada, o que ela pode agregar para melhoria da educação, tendo em vista não entender nada da área?

Um trecho do livro nos aponta para parte dessa resposta, quando destaca que a manipulação do medo tem propósitos certos no processo “educativo” dos militares, para os quais eliminar o pensamento crítico é condição para o adestramento para aceitação de que se tornem mão de obra servil. Afirma o autor ser a grande finalidade da militarização de escolas públicas o confinamento da juventude das periferias ao curral bovino da subserviência:

Na verdade, o medo – e não a disciplina – é o principal instrumento desse método de “ensino”. Há um sistema policialesco no controle desse território. Os alunos sentem medo; todos sentem. Nos muitos estudos realizados em Escolas Militarizadas, os pesquisadores e as pesquisadoras perceberam que as portas da escola estão fechadas, ou há dificuldade em abri-las, para quem pretende saber como funciona o sistema; as informações não são passadas de bom grado. Os militares não gostam de ser avaliados, criam dificuldades físicas ou burocráticas. O fato de ser uma “escola” e de “caráter público” não quer dizer muito para eles: os obstáculos surgem. A vigilância é sobre os que estão lá dentro (alunos, professores, servidores), mas também sobre quem pretende conhecer o que acontece lá dentro. Daí a colocação de vidros nas portas das salas de aula, câmeras de vídeo, promoção de alunos delatores, entre outros sistemas (p. 169).

Nessa perspectiva, a professora, pesquisadora e ativista afro-americana Bell Hooks nos ajuda a compreender, o que o autor trata no livro, sobre o uso da militarização das escolas para manter o sistema de dominação. Diz ela:

Culturas de dominação se apoiam no cultivo do medo como forma de garantir a obediência. Em nossa sociedade, falamos muito do amor e pouco do

*medo. Todavia, estamos terrivelmente apavorados o tempo todo. Como cultura, estamos obcecados com a ideia de segurança. Contudo, não questionamos por que vivemos em estados de extrema ansiedade e terror. **O medo é a força primária que mantém as estruturas de dominação.** Ele promove o desejo de separação, o desejo de não ser conhecido. **Quando somos ensinados que a segurança está na semelhança, qualquer tipo de diferença parece uma ameaça.*** (HOOKS, 2021, p. 129, grifos nossos)

A escola do medo: vigilância, repressão e humilhação nas escolas militarizadas, nos mostra como esse processo transforma a escola em uma antiescola, e nos faz um chamado urgente a reflexão-ação. Ao se debruçar sobre a leitura do livro, as leitoras e leitores encontrarão falas de estudantes que reivindicam o direito de “serem gente”, de não serem transformados em soldados e suas escolas em quartéis ou prisões, pois, como aponta o autor no livro, nas instituições sob a gestão dos militares:

Os estudantes, sempre vigiados, falam com medo; os professores pedem o anonimato quando falam com os de fora; os pais e mães têm medo quando são chamados à escola pela polícia e também têm medo quando recebem um recado da polícia (p. 44).

Entregar a gestão da escola aos militares é dar acesso aos dados de estudantes e suas famílias, expor suas práticas cotidianas a quem recebe ordem para silenciá-los. As escolas e suas indumentárias são entregues aos algozes para ser transformadas em escolas de conformação, formação e disciplina imposta, como a dos quartéis. Essa escola, como disse Anísio Teixeira, pode adestrar e ensinar, mas não educa. Nela não há espaço para a democracia, nem a dos corredores, do recreio, dos intervalos de aula, pois sorrir, correr, brincar, manifestar afeto, fazer aquilo que se espera que crianças, jovens e adolescentes façam é proibido.

Como afirmou Teixeira, os processos democráticos de educação requerem que a escola se constitua em uma instituição educativa onde existam condições para experiências formadoras. A escola não pode ser transformada em espaço – parafraseando a canção *Coração de Estudante* de Milton Nascimento e Wagner Tiso – em que se poda a vida, rouba os tempos e momentos de desenvolvimento de crianças e jovens, se ela desvia os seus destinos e esconde os seus sorrisos. A escola precisa ser o lugar de alegria e sonho, sentimentos, amizade, juventude e fé na vida, na gente, na democracia, na inesgotável capacidade de aprender, viver, amar e lutar.

O livro *A escola do medo: vigilância, repressão e humilhação nas escolas militarizadas*, de Dioclécio Luz, precisa ser lido por todas as pessoas que lutam por uma escola que, como apontou Paulo Freire, não é só prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos, mas que é, sobretudo, gente que trabalha, estuda, se alegra, se conhece, se estima. Que acredita ser a escola lugar de fazer amigos, educar-se, ser feliz e que por ela possamos começar a melhorar o mundo.

Este livro reafirma que a escola não é o lugar **do medo, vigilância, repressão e humilhação**. Nenhum lugar deveria ser, sobretudo num Estado, constitucionalmente, definido como **democrático**. Este livro afirma, convictamente: a escola não é lugar de polícia. Boa leitura!

CATARINA DE ALMEIDA SANTOS

*Professora da Faculdade de Educação
da Universidade de Brasília (UnB)*

A VERGONHA

É constrangido que escrevo sobre um tema que seria motivo de debates na Idade Média, não no século XXI. É uma vergonha para mim, para os educadores e para o Brasil, que esse tipo de questão tenha sido trazido do passado distante para os dias atuais, como se já não estivesse devidamente qualificada como um retrocesso.

Discutir a transformação de escolas públicas em Escolas Militarizadas (EMIL) é debater uma perversidade praticada pelo Estado que, além de corromper a ideia de escola, representa um atraso na história humana. Provavelmente por isso, em minhas pesquisas, não encontrei um só artigo científico, um *paper*, uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado que faça a defesa desse modelo de escola. Se é assim, se esse modelo não é reconhecido por nenhum educador sério do país, por que dirigentes dessas escolas, secretárias(os) de educação, municipais e estaduais, aceitaram?

O que temos aqui não se limita à instalação de rotinas militares dentro da escola, como anunciam os defensores da proposta. O que há é o retorno a processos arcaicos de discriminação de classes sociais, onde a eugenia e o racismo aparecem sem muita camuflagem. O debate que as EMILs provocam não é sobre o reconhecimento de direitos (da criança) ou deveres do Estado (educação de qualidade), mas sobre humanismo. Que tipo de civilização é essa que, em pleno século XXI, trata suas crianças e adolescentes com ódio, sadismo, fazendo deles objetos de humilhação; atuando para apagar a criatividade e bloquear a inteligência; impondo uma moral de rebanho, homogeneizando seres humanos? E tendo como base um sistema cruel de repressão denominado de “disciplina”? Tudo isso ocorre sob os olhares cúmplices e complacentes dos dirigentes da educação. Eles inventaram uma escola que não gosta de alunos e nem de ser escola! Uma escola para sediar o medo, a tristeza e a infelicidade.

A proposta de Escola Militarizada é uma grande mentira, um imenso engodo estatal. A escola deixou de ser escola para se tornar um misto de quartel ou presídio infantil. A Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros fizeram-se donos do espaço educacional e as crianças foram convertidas em seus soldadinhos de brinquedo. Acatar essa bizarrice, essa gambiarra, é decretar o fim de todos os estudos sobre educação já feitos no mundo. É dizer: fe-

chem as faculdades de educação! Queimem o que foi escrito sobre pedagogia. Voltemos ao zero.

Um alerta: as Escolas Militarizadas estaduais e municipais, principal foco dessa pesquisa, diferem dos colégios das Forças Armadas tão somente no quesito recursos financeiros – não falta dinheiro para esses colégios do Exército, mas a concepção de “escola” é a mesma. Também, nos colégios das Forças Armadas, crianças e adolescentes são tratados como brinquedinhos dos militares; os que se destacam (os que tiram boas notas e aceitam as ordens passivamente) recebem patentes de “alunos-oficiais”. Tudo brincadeira dos adultos.

Lembrando que o Distrito Federal, além de Escolas Militarizadas, tem, à parte, duas escolas mantidas por recursos federais: uma sob o comando da Polícia Militar (“Tiradentes”) e outra que pertence aos Bombeiros (“Dom Pedro”). Para elas há fartos recursos do Fundo Constitucional do DF, destinados à Segurança.

Entende-se Escolas Militarizadas como escolas públicas que foram entregues ao comando da Polícia Militar ou dos Bombeiros. Trata-se de um projeto de Estado: promover o fracasso da escola pública. Sendo assim, ao invés de educadores, contrariando as leis existentes, quem faz a pedagogia é a Polícia Militar e os Bombeiros. Quem foi preparado para combater o crime agora vai comandar escolas públicas, fazendo uso da pedagogia do medo, aprendida nos quartéis. Enquanto educadores abriram mão do fazer educação e aceitaram essa falsa escola, as forças militares envolvidas, abriram mão de fazer a segurança na comunidade, na periferia, e foram fazer educação – ao seu modo. Tudo errado.

Quando os Policiais Militares e os Bombeiros ocupam uma escola, dizendo que irão atuar “somente na parte disciplinar” ou em “atividades cívicas”, eles estão levando para lá a sua pedagogia. Mas que pedagogia é essa? Conforme a professora Catarina Santos da Faculdade de Educação da UnB:

— Sendo a pedagogia um processo que pensa a educação, é possível haver diferentes pedagogias. O que a Polícia faz? Ela leva para escola a pedagogia do quartel; porque o quartel tem seus processos formativos diferentes da nossa perspectiva. E o que é essa pedagogia? É a pedagogia da hierarquia, da ordem, a partir da obediência aos comandos; é a pedagogia do controle, da uniformização, do castigo, da lógica da punição. As normativas

que são aplicadas nessa escola fazem com que tudo aquilo que faz da escola uma escola, praticamente, não possa acontecer.

A pedagogia opressiva que os militares levam para a escola da periferia, como se verá nesse trabalho, está sendo legitimada pelo preconceito. A periferia, entendem os militares, é o ninho da bandidagem. Ser jovem e da periferia é ser um criminoso em potencial. Então, é preciso vigiar, controlar e dominar esses futuros bandidos. Foram dezenas de entrevistas para se chegar a essa conclusão.

A militarização das escolas públicas é uma vergonha para a humanidade. Esse modelo atinge, principalmente, os jovens de baixa renda, os pobres, isto é, negros, pardos e indígenas. No Brasil, país racista, prevalece o pensamento antigo: negro tem que ficar na senzala. O Estado se incumbem de manifestar o preconceito: como esse jovem vai se tornar criminoso mesmo, o melhor é se adiantar e colocá-lo num espaço onde é vigiado e punido pela Polícia. Sim, os meninos e meninas da periferia são vigiados e punidos pelos crimes que podem um dia cometer!

É mais que racismo. A discriminação atinge a todos: negros, pardos, indígenas e também aqueles que fogem “à normalidade” na visão militar, incluindo todos, todas e todes que têm identidade LGBTQIA+.

23

O militar no comando de uma escola é anúncio de desastre. Para ele a democracia é algo inaceitável. “Como assim, todo mundo pode opinar?”, “Que história é essa de “decisão coletiva?”. O que acontece quando se entrega uma escola pública – que tem como uma de suas missões promover a democracia – para um grupo de militares treinados para o exercício do autoritarismo? O desastre. É o que está acontecendo. Esse livro mostra as faces desse desastre e revela que ele se dá nas escolas militarizadas, nos Colégios militares, e, enfim, em todas as escolas onde os militares assumiram o papel de educadores ou gestores da educação. Contrários à democracia, eles impuseram aos jovens um regimento militar que reproduz a hierarquia das casernas, um sistema que é antidemocrático por natureza.

Em algum momento, os autores e promotores dessa proposta vão sumir do cenário político. Mas o dano já terá sido grande. Quantos jovens terão desenvolvido transtornos mentais por serem obrigados a se comportar como soldadinhos? Agora, quem vai se responsabilizar por este passivo? Os do Executivo e seus aliados no parlamento, muito provavelmente, logo serão encobertos pelo mofo da história. E os militares? Alegarão que estavam cum-

A VERGONHA

prindo ordens ou obedecendo a “atos de Estado”, como se ouviu em Nuremberg? A história não esquece que foram os militares que atuaram para convencer os governantes a adotarem esse projeto (os depoimentos aqui revelam isso).

A história fará sua parte, listando os nomes dos civis e militares que atuaram para criar e manter esse sistema perverso. Quanto às vítimas das Escolas Militarizadas, aqui nesse livro elas terão elementos para processar essas pessoas, esse sistema criminoso, cruel e racista, que está violentando a juventude. Em algum momento, essa vergonhosa história terá fim e eles serão punidos. E a escola voltará a ser escola. E os jovens serão recebidos na escola com o carinho e cuidado que todos merecem, sejam da periferia ou do centro.

Dioclécio Luz

24



Charge de **LATUFF**

O AUTOR

DIOCLÉCIO LUZ é pernambucano, jornalista, escritor, pai de Diego. Já foi professor, fotógrafo e ator; escreve peças de teatro. Tem formação em engenharia elétrica (UFPE) e mestrado em jornalismo (UnB). Vive no meio do mato, em Brasília, iluminado pela luz de Eloísa, o sol e os ventos do cerrado. Tem onze de livros publicados: contos, reportagens, memória, poesia, crônica, meio ambiente, rádio, arte, comunicação e cultura. Mantém um programa de rádio que trata de música e informação sobre o Nordeste (“Canta Nordeste”) e um *podcast* que aborda a literatura no Brasil e no mundo (“Livraria da Praça”). “A escola do medo”, resulta de quatro anos de pesquisa e outros 50 de observação do mundo, das escolas, das pessoas.

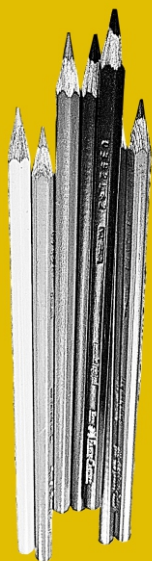
**A ESCOLA
DO MEDO**

Talvez eu devesse começar esta missão de apresentar o autor de forma mais científica, e sei que o Dioclécio Luz é homem rígido nos métodos e nos sistemas de pesquisa, é um acadêmico, é um grande intelectual, um escritor e um pensador do mundo. No entanto é sua humanidade crítica e longe de maniqueísmos e sectarismos que provocam, no leitor, o desconstruir e o construir de uma realidade que nos colocam de fato com os pés no chão.

Na práxis de sua honestidade intelectual, Dioclécio Luz nos sensibiliza com exposições, entrevistas e argumentos sobre a tentativa vigente que sofremos, enquanto sociedade, de políticas homogeneizadoras do pensar nas escolas pelo medo de lidar com a pluralidade de costumes, com a diversidade cultural e encarar as desigualdades sociais como desdobramento de uma nação com um péssimo índice de desenvolvimento humano.

A educação pública, como libertadora, é diariamente atentada com formatações que afastam as vivências apresentadas pelas diferenças culturais. A escola militarizada, sem precedentes científicos ou resultados convincentes em canto nenhum do Brasil, tem amputado e atacado a pluralidade de idéias. O pavor e a violência presentes na sociedade e, conseqüentemente, nas escolas, trazem experiências inapropriadas e que estão na contramão das melhores práticas pedagógicas.

Dioclécio Luz nos oferece uma obra meticulosa, incisiva e fundamental para nos alertar e promover a compreensão que a escola militarizada não é o caminho para uma educação emancipadora, democrática e transformadora da sociedade e da educação em algo melhor.



A ESCOLA DO MEDO

Alisson Lopes

*Advogado, professor de História,
especialista em educação
em direitos humanos
para jovens e adultos*



Tanto Mar Editores